

Felicidade Roubada

AUGUSTO CURY

Felicidade Roubada

*Um romance sobre os fantasmas da emoção
que sabotam a nossa felicidade*

Adaptação de:
Maria de Sousa

Pergaminho

Quando um pai desabou

A sirene da ambulância cortava o centro da cidade como um machado que fende a madeira seca. O som ensurdecedor sequestrava a tranquilidade dos transeuntes. Medo, esse fantasma primitivo, silenciava os pensamentos e dava um recado convicto aos que ouviam a sirene: aquietem a vossa voz, minimizem o vosso orgulho – somos todos simples atores que cintilam e desaparecem!

Nos carros, os condutores recolhiam-se em si e, desesperados, abriam caminho como podiam. A máquina ansiosa insistia em romper a inércia do trânsito. Um metro parecia um quilómetro; um minuto, uma eternidade. Que lágrimas o paciente chorara? Que júbilos vivenciara? Que pesadelos sofrera? Que projetos sonhara? Ninguém sabia. Mas todos davam passagem ao anónimo que vivia os instantes finais da sua peça existencial. Infelizmente, os homens celebram mais a morte do que a vida.

Um rapaz, Lucas, de sete anos, muito feliz, bem-humorado, perguntador, esperto, vivaz, contagiante, era o protagonista do «cortejo». Há instantes, andava de bicicleta ao lado do seu pai, o doutor Salomão Bachier, como se o mundo fosse uma eterna brincadeira, como se a vida não fosse sobressaltada por surpresas. O doutor Salomão, um

culto, austero, pragmático e famoso advogado criminalista, pela primeira vez, sentiu-se o maior criminoso do mundo. Num momento de descuido, apostara uma pequena corrida com o filho e incitara-o a ir além do seu limite. Tinha orgulho em dizer: «O meu filho tem uma grande capacidade, é um rapaz raro.»

– Vamos, rapaz, podes ser mais rápido!

– Não consigo, pai...

– Consegues, sim! Dá tudo o que tens! – dissera o pai, desafiando-o e ultrapassando-o. Mas, de repente... – Cuidado, filho, cuidado!

O rapaz, que pedalava a toda a velocidade, perdeu o controlo da bicicleta, deixou a ciclovia, entrou na avenida movimentada e embateu num carro. Apesar da travagem brusca, um luxuoso carro atirou a frágil criança quatro metros à frente. Uma criança que estava a começar a sua história, mas que já era suficientemente velha para morrer.

Lucas estava entre a vida e a morte.

O doutor Salomão, assombrado pelo medo da perda, ficou desesperado. Não fora agente de um crime doloso, intencional, mas de um crime culposo, sem intenção. Um lampejo de imprudência levava-o a negligenciar o que lhe era mais caro. O homem que raramente pedia alguma coisa a alguém, gritava agora em prantos para quem passava:

– Ajudem-me!

Com o filho nos braços e em grande desespero, queria despertá-lo do estado de inconsciência.

– Filho, acorda! Por favor, acorda! Eu vou cuidar de ti.

Mas Lucas guardava um silêncio profundo, embora o seu coração insistisse em pulsar. Até quando? Era uma pergunta

a que ninguém sabia responder. Ao olhar para a expressão do pai, não se via um advogado famoso nem um homem rico, mas um ser humano fragmentado. Era muito feliz e não se dera conta até que a sua felicidade fora roubada.

Avisaram-no de que a ambulância do Santa Cruz, um grande e respeitado hospital que ficava a curta distância do local do acidente, estava prestes a chegar. Preferiu esperar por ela a transportar o filho num carro particular, que, além de inapropriado para os primeiros socorros, não romperia o tráfego infernal da grande cidade. Cada minuto era uma tortura. Lágrimas corriam pelo seu rosto e pingavam sobre a face do filho, produzindo uma cena dramática. Balbuciava palavras inexprimíveis:

– Filho, meu filho, eu abriria mão de tudo o que tenho, tornava-me um sem-abrigo, dava tudo para te trazer de volta. Perdoa-me, Lucas, perdoa-me...

Todos os que se aproximaram se comoveram com as suas palavras e os seus gestos. Naqueles prolongadíssimos instantes, a sua mente entendeu o recado e projetou-o no futuro, como se quisesse abrandar o seu inimaginável sofrimento. Ele viu-se como um maltrapilho, vestido com roupas sujas e rotas, encostado a um pilar de uma escola chique. Desgrenhado, com os dentes estragados, era evitado pelas pessoas que passavam. De repente, começou a sorrir como se fosse a pessoa mais feliz do mundo. Um dos seguranças da escola não entendia a sua reação. Preocupado com o seu comportamento, tratou de o expulsar dali.

– Porque está a sorrir?

– Porque o meu filho está a correr, brincando, feliz. Veja!

– E apontou para um rapaz.

Pensando tratar-se de um psicopata ou de um sequestrador, o segurança chamou um colega, e ambos usaram a força para tirá-lo dali.

– Saia daqui, seu verme! Senão vai direito para a prisão.

– Prisão? Eu acabei de sair de uma prisão...

Segundos depois, a mente do doutor Salomão voltou como um raio para o presente. Ele beijava a face do filho, e dizia:

– O que é que eu fiz contigo, meu filho? Amo-te!

A ambulância chegou. Os socorristas tiraram o rapaz do seu colo e pediram-lhe que os seguisse de táxi ou no seu próprio carro.

– Ninguém me vai separar do meu filho! – disse, resolutivo.

A doutora Mariana, a médica que acompanhava a ambulância, permitiu que ele fosse com o filho. Mas, quando o doutor Salomão quis abraçar o rapaz, estimular os seus trôpegos batimentos cardíacos, ela deteve-o.

– Não toque nele, por favor. Se ele tiver sofrido uma lesão cerebral, poderá piorar! – A doutora Mariana transmitia generosidade na sua voz. Especialista em emergência médica, era inteligente, cuidadosa e firme. Apesar de o caso ser muito grave, completou: – Medite, reze. Tenha esperança...

Mas o doutor Salomão, que sempre se indignara com o facto de milhares de crianças morrerem todos os dias vítimas de violência, terrorismo, diarreia, fome, não acreditava em Deus. «Onde está Deus?», perguntava aos amigos. Eloquentemente e ousado, o criminalista acusava Deus no círculo de advogados, juizes e promotores: «Se Deus existe, Ele abandonou esta paradoxal espécie ou está ocupado demais para se preocupar connosco!»

No entanto, agora, diante dos últimos instantes de vida do seu filho, não queria explicações humanistas para a existência ou não de Deus. A questão já não era de crença; Deus tinha de existir. Todos os seres humanos, por mais racionais que sejam, mais cedo ou mais tarde, quando atravessam os vales sórdidos da dor ou da perda, rompem o cárcere do ceticismo e procuram de alguma forma o Autor da existência. Buscam o sobrenatural, um milagre. E o maior de todos os milagres é também o maior de todos os direitos humanos: continuar a pensar, ser autônomo, ter uma identidade, espantar o fantasma da inexistência e continuar o espetáculo da vida.

Chegou a vez de o doutor Salomão romper com o seu ceticismo.

– Eu não sei rezar, doutora – confessou humildemente. – Por favor, faça-o por mim... – E baixou a cabeça em sinal de reverência.

A médica ficou um pouco em silêncio, e depois disse-lhe:

– A minha oração é manter o seu filho vivo até que um neurocirurgião e outros médicos entrem em cena. Não destrua a sua esperança; o seu filho será assistido num dos melhores hospitais deste país.

O doutor Salomão acalmou-se por alguns instantes, mas, observando o trânsito infernal, foi novamente golpeado pela ansiedade. Batia no vidro repetidamente e suplicava ao condutor que aumentasse o som da sirene da ambulância. Queria que esta viajasse à velocidade da luz. Esperava um milagre. Momentos depois voltou-se novamente para o corpo do filho, tentando ver se ainda respirava. Não queria fazer uma pergunta, mas ela estava fixa na sua mente.

– Acha que o meu filho fraturou o crânio?
– É melhor não especularmos. Vamos aguardar os exames – disse a doutora Mariana.

– Quem é o melhor neurocirurgião do hospital?
– Terá sorte se encontrar o doutor Alan de Alcântara. Mas ele é muito ocupado, viaja bastante.

– Tem o número de telemóvel dele? Pago o que for preciso! – Ela deu-lhe o telefone do hospital. Imediatamente, o doutor Salomão ligou e conseguiu o número de telemóvel do neurocirurgião. Não tardou em conseguir falar com ele:

– Doutor Alan, sou o doutor Salomão, advogado. O meu filho sofreu um acidente... Está inconsciente... Em coma...

A emoção embargou-lhe a voz, e secou os olhos com a mão. Delicada, a doutora Mariana pediu-lhe o telemóvel e, embora fosse desconfortável fazê-lo à frente do pai, passou o quadro geral do rapaz, os seus sinais vitais, a frequência cardíaca, respiratória, a dilatação das pupilas.

O doutor Salomão sentiu que o neurocirurgião argumentava com a médica que não podia atender o rapaz.

– Então, quem é que está de banco? – perguntou a doutora Mariana.

O doutor Salomão tirou subitamente o telemóvel à médica.

– Por favor, atenda o meu filho. Tenho medo de que tenha fraturado a cabeça. Por favor!

O sempre estudioso, perspicaz e respeitável neurocirurgião respondeu do outro lado da linha:

– Há outros bons neurocirurgiões na minha equipa, que estão de banco. Inclusive o doutor Ronald, um profissional notável. Sinto muito, mas estou num congresso.

– Aqui na cidade?

– Sim, mas...

– Não há «mas»! – ripostou o doutor Salomão num tom alterado. – O doutor não está a perceber. Eu quero que seja o senhor! Pago o dobro, o triplo, o quádruplo... o valor que quiser cobrar!

Técnico e frio, embora muito competente, o doutor Alan atirou um balde de água fria ao doutor Salomão.

– Não é uma questão de dinheiro! Reitero: há profissionais brilhantes no Hospital Santa Cruz, que farão uma primeira análise. Vou moderar uma mesa-redonda agora. Mas mais tarde passo para ver o seu filho.

– Eu exijo que seja o senhor! – disse o criminalista em voz alta. E, desesperado, fez o que melhor fazia: – Se não atender o meu filho, vou processá-lo por não o ter socorrido!

– Não posso ser processado! Não estou a negar socorro ao seu filho, uma vez que não estou de banco. Vou ligar aos meus assistentes e pedir-lhes que fiquem a postos.

O doutor Salomão era um advogado disputado por grandes políticos e empresários. Enfrentava promotores com uma voz altissonante e juízes com ilibada eloquência. Uma vez, num ataque de raiva, afrontou até o presidente do Supremo Tribunal. Não se curvava perante ninguém e nunca pedia favores. Mas, agora, absorto pelo trágico acidente, beijou a lona da sua fragilidade. Entre soluços, suplicou:

– Por favor... por favor, doutor Alan, não desligue. Se fosse o seu filho que estivesse a correr risco de vida, o que é que o senhor faria? Não lutaria para ter o melhor médico? Por favor, responda com toda a sinceridade do mundo.

– Sim.

– O senhor é um dos melhores neurocirurgiões do país. Por isso... eu imploro-lhe... atenda o meu pequeno Lucas. Eu não saberia viver sem ele...

O doutor Alan comoveu-se, pensou em Lucila, de oito anos, a sua única filha, fruto do primeiro casamento. Embora não vivesse com ela, amava-a muitíssimo, chamava-lhe «minha princesa». Como viajava frequentemente, não era um pai muito presente. Tentava compensar a sua ausência física ligando-lhe todos os dias, mesmo quando estava fora do país, em conferências.

– OK! Vou imediatamente para o hospital – disse e desligou o telemóvel.

Pela primeira vez, o doutor Salomão ganhou uma batalha no mais difícil dos tribunais, o tribunal da emoção, tendo usado não da sua eloquência, do seu dinheiro ou do seu poder, mas da mais antiga e penetrante das ferramentas: a humildade.

Os sinais vitais de Lucas estavam a piorar. A doutora Mariana fazia o que podia para mantê-lo vivo, vendo a angústia do pai. Aquele caso deixava-a particularmente ansiosa. Lidava bem com adultos acidentados, mas sempre que atendia uma criança a sua taquicardia e tensão aumentavam.